

## Uma nascente literatura românica: a asturiana

NEWTON SABBÁ GUIMARÃES  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE PARANÁ

Tenho podido observar que, quando uma língua sai da agrafia recebe as graças da normatização e se decide a nela crir uma literatura, a tradução entra, quase sempre, como fator de desenvolvimento. Raras são aquelas que dão preferência aos trabalhos originais e entre estas, uma das poucas, pouquíssimas que conheço é a aragonesa. Há um problema com que os historiadores das literaturas logo se deparam: as nascentes literaturas que optam pela criação original, nem sempre apresentam textos dignos da maior atenção, seja por parte dos lingüistas e filólogos, seja por parte do historiador: pecam na maioria dos casos pela imaturidade. Aponto esta falha na atualíssima literatura aragonesa, que comta com escasso contingente de obras traduzidas e muita coisa original, alguns livros que, a falar con absoluta justiça, não mereceriam a perenidade da letra impressa, de tão frouxos e insignificantes, inteiramente imaturos, de escritores muito jovens, sem muita vivência com as artes, sem bom domínio da língua. É verdade, también, que há em aragonês boms prosadores e poetas que parece já nasceram maduros e as suas obras bem que merecem estudos dos críticos de fora de Aragão. Quanto à asturiana parece, neste aspecto, ter tido mais sorte, ela tem dado muita atenção às traduções e uma elite de lingüistas e cultores do asturiano, reunidos ao redor da Academia de la Llingua Asturiana, vem promovendo excelentes traduções, de altíssimo nível, de várias línguas e literaturas, com o que muito lucraram decerto as letras do Principado. Tenho a impressão de que a Academia, sob a direção desse generoso e dinâmico lingüista que é Don Xosé Lluís García Arias, cuja obra gigantesca é motivo de admiração e orgulho para todos os estudiosos do asturiano, foi o fator impulsionador dessa

tenência, mais refinada, mais cuidadosa, no desenvolvimento e enriquecimento da língua e cimentação de uma jovem literatura. O exemplo do asturiano, faz-me pensar no adotado pelos intelectuais sefarditas levantinos que, preocupados com a fragmentação, do *djudyospanyol*<sup>1</sup> partindo dos velhos textos ladinos<sup>2</sup>, em escritura aljamiada, tentaram uma *koyné* literária saída das traduções, quando grandes obras universais francesas, russas, italianas, alemãs, gregas, hebraicas, inglesas e turcas, foram proficientemente passadas para a velha e querida língua dos sefaradim<sup>3</sup> e a tal ponto que, não hesitaria dicê-lo, o melhor que encontramos nessa língua é justamente o trabalho das traduções. O macedônio, o bielo-russo, o albanês, o suaíli, o groenlandês, para so citar, de raspão, umas pouquíssimas, têm dado especial atenção a tradução e lembro, aqui, até um governante, o Presidente da Tanzânia, Julius Kambarage Nyerere, chamado o Mwalimu, ou seja o mestre-escola, quem resolveu entrar com a sua cota para a nascente literatura nacional, traduzindo algumas peças de Shakespeare, *Júlio César*, parece-me, para mostrar que o suaíli servia de instrumento literário mesmo para um grandíssimo nome das letras universais. O benemérito José Leite de Vasconcelos, quando estabelece as normas gramaticais da língua mirandesa, para ela traduz poemas camonianos e cantos de *Os Lusíadas*<sup>4</sup>, lamentando-se que o seu exemplo altíssimo não tivesse sido imitado e a língua aí continue com pouquíssimos textos escritos e mesmo entre estes, raras linhas que mereçam

---

<sup>1</sup> *Djudyospanyol*, a língua judeu-espanhola, falada pelos judeus expulsos da Espanha em 1492 e mesmo antes desta data, e estabelecidos no vasto Império Otomano e Norte da África, Marrocos onde, com o perpassar dos anos, vai dando origem a nova língua neolatina. Alguns como David M. Bunis preferem chamá-lo de *judezmo* ou *djudesmo*, enquanto outros de ladino, denominação que o mestre da Sorbona, maior autoridade sobre a língua, condena, por imprecisa.

<sup>2</sup> Textos ladinos, referem-se à forma do velho espanhol, muito utilizado na tradução de livros religiosos e exegéticos, com sintaxe muitas vezes servilmente semítica, ou mais precisamente, hebraica. Escritos com o alfabeto hebraico, mais tarde os escribas judeus e tradutores empregariam a escrita cursiva dita de Rashi, por ter sido criada pelo Rabi Shelomo ben Yşhaq.

<sup>3</sup> *Sefaradim*, pl. de *sefaradí*, ou espanhol. Do hebreu:

Eram os judeus de origem espanhola e que mantiveram a velha língua judeu-espanhola, ou como mais completamente escreve Ana María Riaño López, no estudo que antecede a sua transcrição de *Un Tratado Sefardí de Moral* (Barcelona, Ameller Ediciones, 1979. 142 p.).

“Aquellos [os sefarditas] judíos que desde tiempo habían modelado sus mentes en el más puro hispanismo, llevaron consigo una modalidad del idioma de Sefarad que desde el siglo XIII ya habían utilizado en sus escritos con caracteres hebreos del tipo *rášî*: el llamado ladino o judeoespañol” -op. cit., p. 13 e 14.

<sup>4</sup> Cfr. Vasconcellos, J. Leite de. *Estudos de Philologia Mirandesa*. Ed. facsimilar. Lisboa, Edição de Câmara Municipal de Miranda de Douro, 1993. Vol. II. 345 p. Nesse volume há tentativas de traduções não apenas de cantos dos *Lusíadas* mas da lírica camoniana em que o tradutor e mais insigne figura da filologia em Portugal se saiu galhardamente.

a atenção dos estudiosos a não ser para que se diga que a língua não é de todo ágrafa... Defendo, pois, o exercício da tradução literária para as línguas que, recém-saíram da agrafia, resolveram criar uma literatura.

O asturiano tem dado, repito, muita sorte no que concerne a traduções. Há-as aos montes e muitas de excelente nível como a que o próprio García Arias<sup>5</sup> fez de *Le Petit Prince*, o conto poemático de Saint-Exupéry, que não duvidaria chamar de das mais belas e perfeitas traduções dentre as que tenho podido compulsar dentre as feitas para o afrikaans, o inglês, o galego, o espanhol, o alemão, o reto-romanche etc. Excelente, demonstrando não apenas um ótimo conhecimento da língua traduzida, como uma extremada sensibilidade para a própria língua natal. *El principín*, trabalho a quatro mãos, realizado com Marta Suárez, e que, já em 1994, estava em 2<sup>a</sup> edição, honra o nobre mister e arte de traduzir e traz para a língua asturiana um elegante toque de universalidade, de que ela tanto precisa, aliás.

Mas não ficamos só aí; George Orwel, teve o seu *Animal Farm* magnificamente traduzido por Octavio Trapiella, como pude verificar acompanhando página a página com o texto original. Salvador Espriu, o hermético e representativo poeta da Catalanidade, teve *El caminante y la muria*, traduzido por Helena Trejo, que me pareceu muito fluente, ainda que não tivesse podido fazer comparação com o texto original. Adolfo Camilo Díaz e Xandru Fernández traduziram, com muita leveza e sensibilidade, José Viale Moutinho, escritor português, que, diga-se de passagem, não é dos mais fáceis, bem pelo contrário, cheio de subentendidos dos mais preciosos, com a mania da pós-modernidade e, como conheço a obra de Viale Moutinho, posso dizer que o trabalho de Díaz e Fernández só honra uma literatura. Os tradutores galegos de Viale Moutinho não se saíram tão bem quanto os asturianos, e não é de mais notar a proximidade das duas línguas, a galega e a portuguesa. Federico G.-Fierro Botas, com muita sabedoria e demonstrando excelente conhecimento do russo, traduziu aquele que é considerado pelos estudiosos da Literatura Russa, ao lado de Turguéniev e Liérmontov, os pontos difíceis da língua: o Príncipe Alexandre S. Pushkin. Fierro Botas deu-nos uma tradução das *Poesies Ilíriques*, com o texto russo ao lado e acompanhando-as de notas muito úteis. Os *Poemes y fragmentos*, de Safo, foi outra excelente contribuição ao enriquecimento

---

<sup>5</sup> García Arias, Xosé Lluis, com ajuda de Marta Suárez, realizou a tradução de *Le Petit Prince* e que em asturiano se chama *El Principín*, cuja primeira edição é de 1983 e constitui o vol. nº 7, da coleção “Escolín”. Posuo a segunda edição, de Xixon, Academia de la Llingua Asturiana, 1984. 95 p.

das letras asturianas via tradução e este trabalho de ressumada erudição foi levado a cabo por Xosé Gago.

Por sorte, algumas destas traduções têm tido como artesãos -sim, permitase-me que chame a essa gente extraordinária que vem lutando em prol, da língua asturiana assim, artesãos, ou orfebres, ou delicados ourives da língua!- escritores conhecidos da língua, verdadeiros artistas e cito um que conheço muito bem, Adolfo Camilo Díaz, o autor difícil e sobreexcelente de *Pequena lloba enllena d'amor*, livro fantástico, em que o estilo experimental fascina quase tanto a sua própria ficção, e Xandru Fernández, autor de *El silenci en fuga*. Foi uma sorte que dois primorosos escritores asturianos se dessem ao trabalho de traduzir, juntos, os *Cuentos fantásticos*, de Viale Moutinho, cujas idéias políticas, entretanto, devem ser olhadas com cuidado pois ele se mete, inclusive, em coisas que não devia como a questão do nacionalismo galego, algo escorregadio e perigoso.

G. Alonso Megido traduziu o famoso conto de Leopoldo Alas, mais conhecido pelo pseudônimo de “Clarín”, “Adiós, Cordera!”, uma estoriuzinha delicada e sentimental, que se lê como conto infantil e conto para todas as idades. Não conheço o texto original, mas suponho que a sua é uma tradução muito boa.

Desconheço se outros nomes importantes das letras universais já foram passados para o asturiano, não sei se algum asturianista, valente e talentoso, já teve a idéia de passar o *Don Quijote de la Mancha*, Lope de Vega, ou Frei Luís de Leão, ou os oitocentistas ou os grandes românticos. Fico a imaginar como seria ler Gustavo Adolfo Bécquer ou Espronceda, ou *El sombrero de tres picos*, ou este forte e por vezes áspero Pérez Galdós em asturiano. Ou Homero e Virgílio, ou Dante e John Milton, ou Shakespeare, Shakespeare o divino, ou Goethe, vestidos em asturiano...

Há uma preocupação dos escritores da língua com a questão da tradução, fato para o qual já anteriormente alertei<sup>6</sup>, ao discutir algumas idéias de Paz Fonticiella e traduções de Fernando Álvarez Fernández. O asturiano nasce como língua literária prezando e cultivando a difícilíssima arte da tradução, em que muitos naufragaram redondamente em todas as linguas, em todas as literaturas e em todos os tempos, aqui mesmo,

---

<sup>6</sup> Cfr. Sabbá Guimarães, Newton. “Traduzir: por que e para quê?”. Fuyes dixebraes de *Lletres Asturianes*, 57. Boletín Oficial de l'Academia de la Llingua Asturiana, páginas 73 usque 77.

em minha Pátria, onde, não raro, os tradutores são aleijadores e destruidores do texto alheio, e a tal ponto que, mesmo os tradutores formados em Universidades, que saem com boas notas acadêmicas e a cachola abarrotada de teorias, cometem graves delitos, isto por falta de sensibilidade literária para “compreender” o texto, pois não basta conhecer as duas línguas, a traduzida e para a qual se traduz. Mais do que isto, é preciso uma coisa que se chama sensibilidade estética, que somente os artistas possuem.

Eis a grande vantagem dos tradutores asturianos, quase todos eles escritores. No Brasil, as melhores traduções de todos os tempos continuam a ser as que foram praticadas por escritores.

O assunto interessa-me, encanta-me, absorve-me e ainda me lembro, com emoção, quando, tentando com os meus alunos de Latinidade a compreensão do difícil texto ciceroniano, levei-os a fazerem várias comparações das *Catilinárias*, com traduções por autores luso-brasileiros e outros latinistas, inclusive os alemães, sempre enxundiosos de notas e observações gramaticais, sempre rigidamente doutrinários e dogmáticos, mas, também, excelentes tradutores, mostrando que os muitos anos de latim das suas Universidades não é pura perda de tempo... Lembro, ainda, da minha emoção ao descobrir a tradução que Ernst Schöfel realizou de Cícero<sup>7</sup>, discursos que o introdutor, Georg Dorminger, chama, entusiasticamente, de “Kunstwerke”, porquanto, para ele “Marcus Tullius Cicero gehört zu den grossen Erziehern der Menschheit”<sup>8</sup>. Acompanhei esta tradução linha a linha, curiosamente, pacientemente, até final, de lápis e caneta na mão, desde o exórdio ex-abrupto:

1. Quosque tandem abutere, Catilina, patientia nostra? Quamdiu etiam, furor iste tuus nos eludet? Quem ad finem sese effennata jactabit audacia? Nihilne te nocturnum praesidium Palatii, nihil urbis vigiliae, nihil timor populi, nihil concursus bonorum omnium, nihil hic munitissimus habendi senatus locus, nihil horum ora vultusque moverunt?” - Marci T. Ciceronis  
*In Lucium Catilinam Oratio I;*

---

<sup>7</sup> Cicero. *Briefe und Reden*. A trad. dos discursos é devida a Ernst Schöfel e as cartas foram selecionadas e traduzidas por Karl Atzert. Munique, Wilhem Goldman Verlag, 1957. 172 p.

<sup>8</sup> Op. cit., p.5, da Introdução por Georg Dorminger. Para a citação do texto original, vali-me da edição a cargo de Adelino José da Dilva d’Azevedo. São Paulo, Edição Saraiva, 1953. 77 p.

que Ernst Scröfel traduziu, magnificamente e também de modo muito artístico:

1. Wie lange, Catilina, willst du noch unsere Geduldmissbrauchen?  
Wie lange noch soll dein wahnsinniges Treiben unshöhnen?  
Wo ist die Grenze deiner Prahlerci und hemmungslosen  
Frechheit? Merkst du nichts von der nächtlichen Besetzung des  
Palatiums, nichts von den Polizeistreifen in der Stadt, nichts von  
der Unruhe des Volkes, nichts von dem Zusammenhalt alleranständig  
gesinnten Bürger? Macht die starke Sicherung dieses  
Ortes hier für die Senatssitzung gar keinen Eindruck auf dich?”-  
op.cit., p.9.

Há pequenas distorções e o texto alemão corre um pouco mais adiante, mas há fidelidade ao original e fluência na tradução, que se torna, por assim dizer-se, mais didática, feição, por sinal, bem alemã.

A tradução, em outra língua, faz perdurar um texto dado e aproxima dois modelos e dois momentos lingüísticos. Por isso creio nas boas traduções literárias, capazes de refazer na língua traduzida o labor da língua da qual se traduziu. Trabalho de talento e sensibilidade. Não é fácil traduzir, como muitos inocentemente pensam. De onde que me vem uma admiração muito grande e muita simpatia pelo trabalho que vem sendo levado a cabo pelos escritores asturianos agrupados em torno da Academia de la Llingua e que está a dar uma feição mais universal à jovem literatura, das mais jovens da România.

O exemplar de Inverno 1994 de *Lliteratura*<sup>9</sup>, nº 7, da Academia de la Llingua Asturiana, traz muitas discussões sobre a tradução, como o primoroso ensaio de Paz Fonticella, “Ensayu: Dalgunes cuestiones sobre la teoría y la práctica de la traducción”, justamente em o número que traz a tradução –primorosa, caiba aqui o elogio!– de poemas de Charles Baudelaire feita por Fernando Álvarez Fernández e poemas originais de Xuan Xosé Sánchez Vicente, o mesmo autor de *Cuentos de la llingua afilada*, o livro com o mais rico vocabulário asturiano que tenho lido até hoje e pequenas obras-primas da ficção que estão a merecer boa tradução ao português.

---

<sup>9</sup> *Lliteratura*. Revista lliteraria asturiana. Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana, inverno de 1994. 60p. Trata-se do nº7.

Pode ser coincidência, mas no mesmo número em que Paz Fonticiella dedica saber e inteligência à arte de traduzir, aparecem traduções que servem para mostrar o grau de adiantamento a que chegou a tradução na Literatura Asturiana –e não hesito, aqui, em falar de uma já autônoma literatura do Principado. Traduções feitas não por tradutores profissionais, mas por escritores, por artistas da língua, o que lhes empresta cunho de arte e perenidade ao esforço despendido, uma necessidade neste momento. As boas traduções que se vêm fazendo nas letras asturianas servem-lhe de enriquecimento e desenvolvimento. A ajuda pela tradução. Parece que há uma felicidade pela tradução, a mesma que levou Latino Coelho a traduzir *A Oração da Coroa*, com ela estabelecendo a sua fama de estilista mais do que primoroso da língua portuguesa, helenista seguro e erudito de grandes leituras, ainda que um tanto desordenadas; ou a mesma felicidade que fez de Odorico Mendes, humanista maranhense, guindar-se às alturas dos grandes tradutores do século passado ao passar ao português as epopéias de Homero e a *Eneida* virgiliana, ou, ainda, a que Florian, êmulo de La Fontaine na feitura de belas fábulas, deu de Cervantes, do seu livro mais célebre, o *Don Quijote, L'Ingénieux hidalgo Don Quichotte de la Manche*, nesse delicioso hibridismo do título famoso.

Paz Fonticiella lembra a importância da boa tradução para o momento que a literatura asturiana enfrenta:

“Amás del mesmu mou qu’una bona traducción collabora *nesti momentu nel prestixamentu del asturiano*, una mala torna pue estrozar progresivamente una llingua nuna situación delicada comu la nuestra” - art. cit., p. 48 e 49. Grifei.

Parece tirar da ponta da minha caneta o que pensava escrever! É exatamente o que penso, que a tradução, a boa tradução, pode trazer muito prestígio para as letras asturianas neste momento, assim como a má, pode causar-lhe danos.

A tradução de tantas boas antigas e modernas, pode, repito, ajudar a dar consistência à língua literária, que, por sorte, logrou conseguir formar uma espécie de *koiné* literária, o que não acontece com a aragonesa, que se debate com uma miríade de falares mais ou menos discrepantes. Se continuam com o mesmo vigor, é de esperar-se que, dentro de mais alguns anos, se possa falar de uma forte e bem característica literatura asturiana, como a galega e a catalã, observadas, é certo, as devidas proporções.